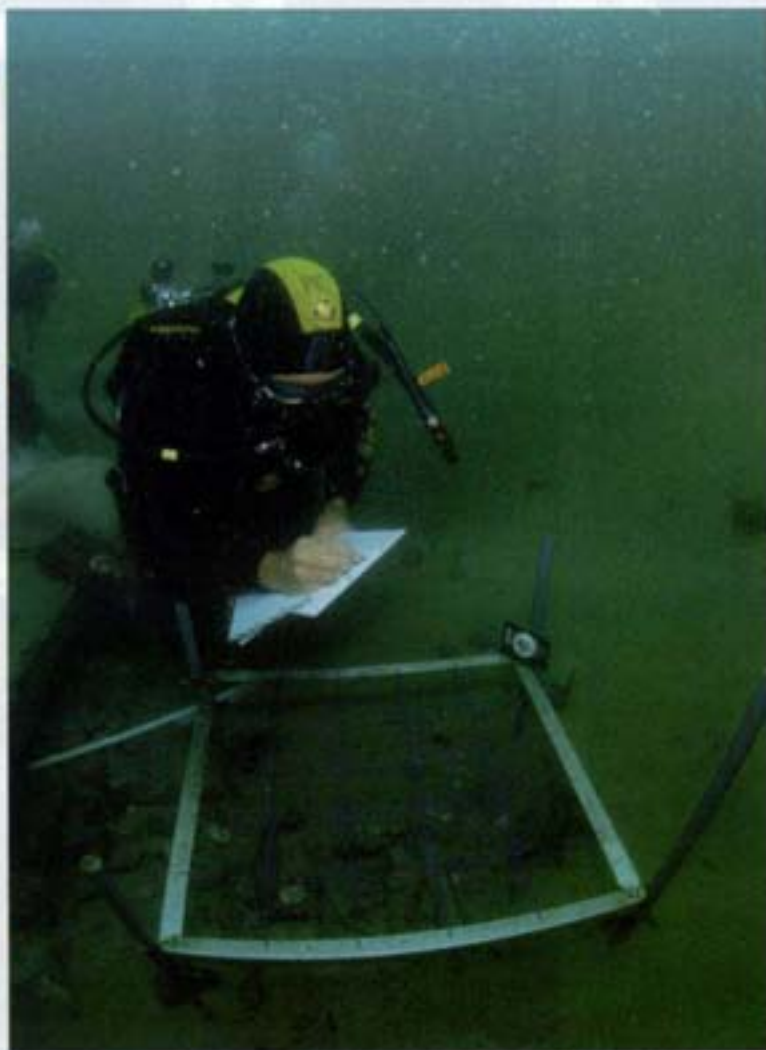


A Nossa Senhora dos Mártires, 1606

Depois dos mergulhos (II)



Eu estou sempre a dizer que os arqueólogos estudam uma das últimas fronteiras do conhecimento mais interessantes: o passado, e que os arqueólogos náuticos estudam um dos artefactos mais interessantes e mais complexos da história da Humanidade: os barcos.

de orgulho que a minha primeira escavação tenha sido divulgada ao grande público de uma forma tão ampla. Esta escavação foi extremamente importante, quer pelo enorme interesse científico de que se revestiu, quer porque foi o projecto lançado pelo então ministro da cultura, Manuel Maria Camilho, por sugestão da Dra. Simonetta Luz Afonso, que permitiu a criação do actual Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS).

A história é bem conhecida: os restos de um casco de madeira embebidos numa camada de pimenta foram avistados em 1994 por Carlos Martins e Rita Cortez de Matos, durante uma prospeção arqueológica promovida pelo Museu Nacional de Arqueologia e pela associação Arqueonáutica, sob a direcção do Dr. Francisco Alves. Os trabalhos de escavação arqueológica foram atrasados dois anos pela gestão surrealista do então Secretário de Estado da Cultura, Santana Lopes, e começaram em 1996, por iniciativa da Dra. Simonetta Luz Afonso, co-dirigidos pelo Dr. Francisco Alves e por mim, e apoiados por Victor

Ninguém discute a importância ou a antiguidade das culturas marítimas. Antes de haver agricultores já havia marinheiros e parece óbvio que sem barcos não havia ninguém na Austrália, a América estava isolada há muitos milénios e a história da Europa seria incrivelmente maçadora.

Mas eu acho que a arqueologia é uma

actividade criminosa se os arqueólogos não publicarem os seus trabalhos em termos que possam ser fruídos pelo grande público. Sem publicações – montes de publicações! – os arqueólogos não são muito diferentes dos caçadores de tesouros, isto é, destroem contextos arqueológicos para sempre e não divulgam a informação.

Por isso é para mim um grande motivo

Oliveira Jorge e Luis Oosterbeck que formaram um departamento de arqueologia subaquática – o CNANS – no âmbito do Instituto Português de Arqueologia, a cuja comissão instaladora presidiam.

Sob a direcção de João Zilhão e Monge Soares, o Instituto Português de Arqueologia, através do CNANS, continuou os trabalhos de escavação em São Julião da Barra em ritmo acelerado para cumprir as metas impostas pela abertura do Pavilhão de Portugal. Em Setembro de 1998,

Entre 1996 e 2000 o casco desta nau da Índia, que se pensa ser a *Nossa Senhora dos Mártires*, ali naufragada em 1606, foi escavado e parcialmente desmontado. Mais de dois mil artefactos foram recuperados, conservados e catalogados.

Os trabalhos trouxeram à luz do dia os restos de uma nau da Índia dos finais do século XVI ou inícios do século XVII, os primeiros a serem escavados por arqueólogos. A importância dos achados está ainda longe de poder ser avaliada na sua totalidade.

Uma das dificuldades maiores do estudo deste sítio reside no facto de São Julião

da Barra ser um cemitério de navios de várias épocas diferentes e a dinâmica do fundo ter misturado os artefactos de uns navios com os dos outros. Além disso, duas zonas do entorno da fortaleza foram intensamente pilhadas durante cerca de duas décadas, e objectos que podiam dar indicações claras sobre a natureza de alguns dos naufrágios desapareceram para sempre.

Apesar de tudo, o estudo parcial destes artefactos já produziu resultados. Os fragmentos de porcelana – facultados a quatro estudiosos diferentes, no Texas, Califórnia, África do Sul e Portugal – revelaram algumas peças raríssimas e permitiram melhorar as cronologias existentes sobre a evolução dos padrões decorativos da porcelana Ming.

Potes da China, do Japão e do reino do Pegu, na actual Burma, são exemplos dos portos demandados pelos navios portugueses na Ásia e representam a extensão do rico comércio do Estado da

Índia, tal como pedaços de coral encarnado, um tronco de madeira exótica, pedaços de côco, caroços de pêssego e uma enorme quantidade de pimenta.

Um conjunto de pratos de estanho de diversos tamanhos e tipologias, que não podem ser todos associados com o naufrágio da *Nossa Senhora dos Mártires* por terem sido encontrados em locais diversos, estão em vias de ser publicados, e possuem marcas de fabricante até agora desconhecidas.

Uma colecção de chumbos de pesca aguarda disponibilidade para ser estudada, lembrando as histórias de pescarias dos roteiros e relatos de viagens.

Os instrumentos de navegação constituem uma colecção só por si impressionante: três astrolábios, dois compassos de navegação e uma sonda. Um destes astrolábios foi encontrado sob a culatra de uma boca de fogo de ferro que lhe conferiu protecção catódica e contra a erosão, e encontra-se num estado ▶▶

Entre 1996 e 2000 o casco desta nau da Índia, que se pensa ser a *Nossa Senhora dos Mártires*, ali naufragada em 1606, foi escavado e parcialmente desmontado. Mais de dois mil artefactos foram recuperados, conservados e catalogados.





de conservação impecável. A data de fabrico deste astrolábio, 1605, é a data de saída da frota que incluía a nau *Nossa Senhora das Mártires* com destino a Cochim, sob o comando de Manuel Barreto Rolim.

No ano seguinte esta nau havia de naufragar à vista de Lisboa, a 15 de Setembro de 1606, sob um temporal de sul, com a maré a vaziar. Testemunhas disseram que ao fim de poucas horas a nau estava partida em tantos pedaços que mais parecia ter-se perdido uma frota inteira do que apenas uma nau. O castelo da popa foi dar a um dos promontórios que constituem o rochedo de São Julião da Barra. A pimenta, armazenada em paióis no porão, soltou-se e formou uma maré negra com vários quilómetros de comprimento que derivou ao longo da

costa por vários dias, ao sabor do vento e da maré.

A investigação levada a cabo pela equipa do pavilhão de Portugal na Expo'98 revelou algumas histórias relacionadas com este artigo. O vice-rei Aires de Saldanha regressou da Índia nesta nau, mas morreu três meses antes do naufrágio, a 18 de Junho, quase à vista dos

Açores, onde foi enterrado. O seu corpo seria mais tarde transferido para Santarém, sua terra natal, mas ninguém sabe ao certo onde é que este vice-rei se encontra enterrado. No naufrágio morreu o padre jesuíta Francisco Rodrigues que vinha para Portugal a caminho de Roma, para onde tencionava seguir para ver o papa e discutir assuntos relacionados com a sobrevivência da missão Jesuíta do Japão. Com o padre Rodrigues viajava um jovem japonês de quem sabemos apenas o primeiro nome, Miguel, que sobreviveu ao naufrágio e regressou a China, tendo morrido antes de voltar ao Japão. Entre outros sobreviventes estavam dois marinheiros. Pedro Álvares, que se retirou da *Carrera da Índia* cinco anos mais tarde, depois de servir 15 anos. Cristóvão de Abreu, que sobreviveu a este naufrágio e ao da nau *Nossa Senhora da Oliveira*, em 1610, depois de ter completado três viagens a Índia. Em 1611 voltou a embarcar, desta vez na nau *S. Filipe*, não regressando ao reino até 1616, no galeão *Nossa Senhora de Jesus*. A sua vida no mar continuou até à sua morte, em 1645, a bordo do galeão *S. Lourenço*, durante a viagem de regresso ao reino, com o cargo de mestre. Após um curto intervalo, em que serviu como mestre na *Ribeira das Naus*, em Lisboa, em 1639, Cristóvão de Abreu serviu sempre no mar, tendo sobrevivido a mais dois naufrágios, na nau *Nossa Senhora de Belém*, em 1635, e em 1642 no galeão *S. Bento*. Joseph de Cabreira, o capitão da nau *Nossa Senhora de Belém*, só se lhe refere uma vez no relato deste naufrágio, quando o navio já fazia muita água, e precisava de ser bombado sem parar: "o contramestre, com os marinheiros, que também acudia a seu quarto com pontualidade".



O que aconteceu aos restos da nau Nossa Senhora dos Mártires

Às vezes perguntam-me o que é que aconteceu aos restos da nau *Nossa Senhora dos Mártires*, escavados entre 1996 e 2000 em frente à fortaleza de São Julião da Barra, e que foram o tema do pavilhão de Portugal da Expo'98. Eu adoro responder a esta pergunta.

Os resultados da primeira campanha de escavações, de 1996 a 1998, foram expostos no Pavilhão de Portugal na Expo'98 e deram origem a um magnífico livro – *Nossa Senhora dos Mártires. A última viagem* – impresso em três línguas, e que pode ser adquirido no Museu de Marinha em Lisboa. Havia ainda um vídeo e um outro livro – o catálogo da exposição propriamente dito – mas eu não sei se ainda estão disponíveis na livraria do Oceanário de Lisboa. Os artefactos mais importantes estão expostos numa magnífica vitrine, no Museu de Marinha em Lisboa. Os resultados das campanhas seguintes, 1999 e 2000, foram o objecto da minha dissertação de doutoramento no Programa de Arqueologia Náutica da Texas A&M University, e só estão parcialmente publicados. Estas coisas levam tempo e eu espero ter tudo publicado dentro de mais ou menos 10 anos.

Aqui nos EUA o nosso trabalho só é reconhecido depois de estar publicado e eu tenho-me esforçado o mais que posso para ir publicando à medida que vou descobrindo as coisas. Assim, para já os interessados podem consultar a parte publicada do trabalho que já desenvolvi em vários sítios. Das notas que tirei para o capítulo de introdução da minha dissertação fiz um pequeno livro chamado *A Nau de Portugal*, editado este ano pela Editora Prefácio.

A análise do casco está publicada e acessível na biblioteca da Texas A&M University, na minha dissertação, juntamente com a análise preliminar de alguns dos artefactos, que foi objecto de uma tese de mestrado de uma colega minha, a Sara Brigadier. Esta parte do meu trabalho está ainda acessível através das comunicações que apresentei em dois encontros internacionais, e num artigo que

publiquei no *International Journal of Nautical Archaeology* em 2003. O estudo mais aprofundado do casco vai sair na primavera de 2005, no meu livro *The Pepper Wreck*, a editar pela Texas A&M University Press.

Mas o estudo deste sítio arqueológico está longe de estar concluído. No terreno os trabalhos vão prosseguir sob a orientação de Augusto Salgado e Carlos Martins. No laboratório, após a reconstrução do casco a partir dos restos arqueológicos e da informação contida nos tratados de construção dos séculos XVI e XVII que chegaram até nós, estou a trabalhar na reconstrução do aparelho desta nau e pretendo testar o desempenho deste navio sob várias condições de vento e carregamento.

Depois de ter feito uma tentativa de reconstrução do casco, baseada como disse nos restos arqueológicos e nos textos dos tratados de construção naval coevos, o meu trabalho tem sido o de afinar a reconstrução, com a ajuda de dois alunos meus – Tiago Fraga e Alex Hazlett – e determinar o tamanho dos mastros, das vergas e das velas,

também com base nos tratados e textos de construção naval daquele período. Depois tenciono testar as condições de estabilidade e o desempenho do aparelho em computador e ajustar a solução em termos de calado, área vélica, tamanho e posicionamento dos mastros da mezena e do traquete (não há dúvidas quanto ao posicionamento do mastro grande), e resistência estrutural do casco e aparelho.

É sempre um prazer mergulhar, e escavar um sítio arqueológico é um trabalho sempre excitante, com os dias cheios de descobertas, emoções e problemas para resolver.

Mas a parte mais gratificante dos trabalhos arqueológicos é esta, depois dos mergulhos, quando analisamos os problemas com calma, rodeados de livros, desenhos e notas, e conseguimos trazer para o estirador uma solução estrutural há muito esquecida, ou percebemos as razões de um pormenor construtivo obscuro e compreendemos a complexidade dos conhecimentos dos construtores navais dos finais do século XVII. ■



Os resultados da escavação da nau *Nossa Senhora dos Mártires* e o catálogo dos artefactos podem ser consultados na Internet, onde estão disponíveis em formato PDF no website: <http://www.usatd.tamu.edu/shipdiv>